



BARROS, José D.'Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.

BORGES, Giovanna Bem; BORGES, Deborah Bem. A outra face da guerra: a militarização das mulheres soviéticas na Segunda Guerra Mundial. *Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP*, v. 6, n. 11, p. 197-232, 2022.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Paz e Terra, 2010.

HALBWACHS, Maurice. La memoria colectiva y el tiempo. In: **El conocimiento de la memoria colectiva**. México: UAT, 1950. p. 103-137.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques et al. História e memória. 2003.

LUCA, Tânia Regina; PINSKY, Carla Bassanezi. O historiador e suas fontes. **São Paulo: Contexto**, 2009.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: **Anais do VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional e XX Semana de História**. 2015. p. 3889-3901.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

Vídeo

Night Witches. Gunilla Bresky. CaptainWillard1979.YouTube, 27 de Fev. de 2013. Disponível em: [Night Witches — Film by Gunilla Bresky part 01](#).

“SERTÃO SANGRENTO”: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE MASCULINIDADE, SERTÃO E VIOLÊNCIA NO LIVRO SANGUE, TERRA E PÓ (1983), DE JOSÉ DE ABRANTES GADELHA

Karine Nogueira dos Santos
Graduanda em História - Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG)



karinendossantos@gmail.com

Yslan Wesllen Pereira da Silva
Graduando em História - Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG)
yslanweslem87@gmail.com

RESUMO: No livro *Sangue, Terra e Pó* (1983), o advogado e escritor paraibano José de Abrantes Gadelha constrói uma narrativa memorialista que tem como personagem principal seu avô materno, o Coronel Manuel Gonçalves de Abrantes (1890-1973). A trama tem como cenário o alto sertão paraibano, um sertão marcado pela violência e pela *lei do mais forte*, onde os homens poderosos, como Manoel Gonçalves, deveriam estar sempre dispostos a agir violentamente para defender suas famílias, seus *chegados* e sua palavra. O objetivo deste trabalho é problematizar essa construção que busca associar uma suposta hostilidade do que conhecemos como sertão nordestino a comportamentos violentos, comportamentos estes que foram e ainda são tão comumente vinculados, e quase exigidos, dos homens sertanejos. Para o desenvolvimento dessa problemática, adotamos a metodologia da *análise do discurso* (Foucault, 2004) e mobilizamos as discussões sobre *masculinidades, sertão e violência* empreendidas por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999; 2013), Alômia Abrantes da Silva (2009) e Elder Patrick Maia Alves (2009).

Palavras-chave: Sertão; Masculinidades; Violência; José de Abrantes Gadelha.

INTRODUÇÃO

Não são poucas as produções artísticas, memorialísticas e, em alguns casos, até mesmo históricas em que os homens nordestinos - e mais especialmente os do Sertão nordestino - são associados a comportamentos violentos. O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em sua obra intitulada *A Invenção do Falo - uma história do gênero masculino (1920-1924)* (2013), expõe e problematiza uma série de discursos, produzidos pelos intelectuais da elite do que viria a se chamar Nordeste, que teriam constituído o tipo regional nordestino. Este tipo regional seria viril, corajoso, resistente e violento. Não poderia ser de outra forma, já que o meio e a cultura na qual estava inserido o condicionava a isso de forma determinante.

É com o objetivo de questionar, assim como outros(as) pesquisadores(as) têm feito, esse suposto determinismo geográfico, biológico e cultural a que os homens do Sertão nordestino estariam sujeitos, determinismo que explicaria e legitimaria as violências, inclusive as de gênero (Albuquerque Júnior, 2013), que desenvolvemos o presente trabalho. Nos debruçamos sobre o livro *Sangue, Terra e Pó* (1983), no qual o escritor memorialista e advogado paraibano José de Abrantes Gadelha apresenta, em forma de romance histórico, a biografia de seu avô materno, o Coronel Manoel Gonçalves de Abrantes (1890-1973).



No livro mencionado, o autor reforça os discursos que pretenderam/pretendem apresentar o homem sertanejo - no singular mesmo, visto que estes discursos desconsideram a multiplicidade, buscando um tipo ideal - como bruto, viril, resistente e violento; homem disposto a matar e morrer em defesa de sua honra e de seus protegidos. A figura que melhor representa esse tipo ideal de homem sertanejo nordestino na obra é o próprio Manoel Gonçalves, que é visto pelo neto como uma espécie de herói ou justiceiro, um homem leal e corajoso.

Nesta perspectiva, retomamos a reflexão do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior em torno das produções memorialísticas, biográficas ou autobiográficas, que se voltam para as vivências no Nordeste:

Esta literatura [que coloca o nordestino como forte, violento e temido] parece oferecer as imagens e enunciados com que muitos homens e mulheres da região vão, em suas memórias, desenhar a figura de seus pais ou mesmo a figura dos irmãos, maridos esposas ou a sua própria. A valentia, a coragem, o destemor, inclusive por parte das mulheres, a resistência até pelas armas, se necessário, a todas as afrontas, partissem elas de vizinhos, opositores políticos, representantes do governo e até membros da família, serão uma temática recorrente das memórias escritas por nordestinos. Parece não ter havido pais ou mães covardes, frágeis, medrosos nesta terra. (Albuquerque Júnior, 2013, p. 177).

Este trecho de Albuquerque Júnior (2013) define com exatidão a situação da obra aqui analisada, com uma única diferença: José de Abrantes Gadelha não atribui às mulheres sertanejas a valentia que atribui aos homens, a mulher de sua obra não é caracterizada como a “mulher-macho” sertaneja - forte, corajosa, quase temida -, as figuras femininas em sua narrativa, que se encontram em pequeno número, por sinal, são geralmente frágeis e precisam frequentemente de um homem que lhes defenda e salve.

Ao colocar as mulheres como seres vulneráveis que precisam de proteção, o autor pode reforçar e legitimar a ideia de que os homens devem ser agressivos, pois, em tese, seriam os homens dados à violência, aqueles que pegam em armas, que teriam capacidade de proteger essas mulheres (embora esses mesmos homens pudessem matá-las em defesa de sua honra), porque eles eram temidos. Mas, na trama de *Sangue, Terra e Pó* (1983), a existência de personagens que necessitam de proteção é também usada para construir uma aura de heroísmo para o Coronel Manoel Gonçalves de Abrantes.



É importante destacar que José de Abrantes Gadelha é entendido aqui como um *Guardião da Memória* (Gomes, 1996), o que significa que faz parte de suas intenções subjetivas e políticas organizar e difundir um discurso sobre sua família, com foco em seu avô materno, que corresponda à memória que deseja preservar e repassar ao longo do tempo. Embora o relato seja romanceado, os personagens que estão sendo retratados pelo autor realmente existiram e o principal deles foi alguém com quem teve uma relação afetiva.

Buscando nos atentar para essas nuances envolvidas na construção da obra, adotamos a *análise do discurso* (Foucault, 2004) como possibilidade metodológica. Pensamos na viabilidade de enunciação do discurso, na sua intenção e no poder que o próprio enunciado exerce. Para fundamentar a análise, mobilizamos as discussões sobre *masculinidades, sertão e violência* empreendidas por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999; 2013), Alômia Abrantes da Silva (2009) e Elder Patrick Maia Alves (2009).

O “SERTÃO SANGRENTO” DE JOSÉ DE ABRANTES GADELHA

Na capa da segunda edição do livro *Sangue, Terra e Pó*, publicada em 2018, observamos prenúncios de como o espaço no qual se desenvolve a trama é construído pelo autor: um líquido amarronzado, que parece simular uma mistura de sangue e pó, escorre sobre um chão de pedras, logo abaixo do título lemos as expressões “época - cangaço”, “local - o sertão sangrento”. O cangaço e a violência, destacados desde a capa do livro, são fenômenos que atravessam toda a narrativa. Na concepção do autor, seria a hostilidade do “sertão sangrento” que levaria homens justos a adotar a agressividade como tática de sobrevivência:

O sertanejo vive do trabalho, do labor cotidiano, do suor do rosto; é pacato e manso por índole, porém quando roubado em seus direitos de cidadão, transforma-se em verdadeira fera, sedenta de sangue, a fazer justiça com as próprias mãos na falta e ausência da justiça dos homens da lei. Uma vez criminoso, motivo bastante para viver homisiado, errante, escondido nos matos, embrenhando-se nas caatingas safando-se das volantes policiais. Agrupa-se a outros de origens diversas, fortalecendo sua pequenez, originando grupo para as defesas contra a polícia, passa assim a viver no cangaço. (Gadelha, 2018, p. 44).

A argumentação de José de Abrantes Gadelha, nesse aspecto, se assemelha às definições elaboradas pelo escritor Frederico Pernambucano de Mello, em *Guerreiros do Sol: violência e*



banditismo no Nordeste do Brasil (1985), a respeito do que chama tipos de cangaço. Segundo Pernambuco de Mello, os tipos de cangaço estariam relacionados às razões pelas quais os indivíduos haveriam adentrado nessa forma de banditismo. Importante destacar que Pernambuco de Mello recebia influências intelectuais de Gilberto Freyre, um dos principais idealizadores do Movimento Regionalista e Tradicionalista, que foi basilar para a constituição discursiva de um tipo ideal de homem nordestino.

De maneira resumida, os tipos de cangaço discutidos por Frederico Pernambuco de Mello são assim caracterizados: quando a intenção principal fosse obter bens materiais, seria um *cangaço como meio de vida*; se os indivíduos estivessem buscando vingança, o cangaço se caracterizaria como *cangaço de vingança*; por fim, o *cangaço refúgio* se referia às situações em que o sujeito houvesse, em geral, cometido um crime (que poderia ser em defesa de sua honra) e não tivesse como dar continuidade à sua vida em sociedade como antes, sendo “obrigado” a buscar refúgio no cangaço. Esta última hipótese ganha muita ênfase na escrita de José de Abrantes Gadelha.

Tanto em *Guerreiros do Sol* (1985) quanto em *Sangue, Terra e Pó* (1983) a ideia de que o espaço conduziria as decisões tomadas pelos sujeitos é afirmada com veemência, fosse pela escassez produzida pela seca, que os levava a adotar medidas ilícitas de sobrevivência, ou pela necessitada de defesa da família e da honra, defesa que legitimaria o ser homem no Sertão nordestino. O cenário, neste caso, é tão ativo quanto os personagens, atuando sobre suas ações e determinando seus destinos.

Em *Sangue, Terra e Pó* (1983) a hostilidade do Sertão é atribuída especialmente ao cangaço e aos embates políticos, que seriam característicos desse espaço. Teria sido para combater essas ameaças que o Coronel Manoel Gonçalves haveria adotado uma postura agressiva e se cercado de homens armados. Para defender a suposta postura heroica de seu avô, José de Abrantes Gadelha o coloca, ao longo da narrativa, diante de várias situações em que precisa enfrentar cangaceiros, policiais e até mesmo parentes para preservar sua vida e a de seus protegidos.

Em contradição ao posicionamento de embate contra o cangaço que o autor afirma que seria o do Coronel Manoel Gonçalves de Abrantes, o livro foi dedicado “Aos homens do Pau-Furado: Manoel Gonçalves de Abrantes, Francisco Pereira (Chico), Virgolino Ferreira



(Lampião)” (Gadelha, 2018, n.p.). O “pau-furado” é uma expressão usada para se referir a armas de fogo e na dedicatória do autor é o que gera proximidade entre as três figuras mencionadas, mostrando a complexidade do discurso que associa as masculinidades sertanejas à violência: mesmo em conflito, os “cabras-machos” sertanejos, “homens do pau-furado”, eram iguais nas armas e na violência.

É interessante observar que os três homens para os quais se dedicou o livro estiveram inseridos em fenômenos considerados essenciais aos repertórios de sentido criados para o Sertão nordestino: o coronelismo - representado por Manoel Gonçalves - e o cangaço - simbolizado por Chico Pereira e Lampião. De acordo com o sociólogo Elder Patrick Maia Alves, os estamentos sociais dos coronéis e dos vaqueiros, juntamente com os grupos de cangaceiros, se tornaram o ponto de partida de várias produções artístico-culturais que elaboraram um “monopólio de sentido” para o Sertão nordestino ligado à violência (Alves, 2009). Maia Alves define “monopólio de sentido” nos seguintes termos:

Significa que um *acervo multifacetado de imagens, narrativas, canções e textos* definiu uma unidade de significado que não se confunde com outras ou a elas não se justapõe. Trata-se de uma regionalidade de uma espacialidade com contornos inteiramente definidos que se projetou e se destacou dos demais sertões brasileiros e, de modo geral, do vasto mundo rural do país. (Alves, 2009, p. 212). [Grifos nossos]

O livro *Sangue, Terra e Pó* (1983), neste caso, compõe o “acervo” tanto através de textos quanto de imagens. Embora não tenha tecido muitos comentários em torno das fotos que selecionou para adicionar em seu livro, José de Abrantes Gadelha as distribuiu em partes estratégicas da obra, de forma a reafirmar visualmente o que estava escrevendo. As referências à violência como forma de exercer poder podem ser identificadas em imagens como as que destacamos abaixo:



Figura 1: Manoel Gonçalves de Abrantes (1923).



Figura 2: Fazenda Concórdia (1926).
Fonte: foto retirada do livro *Sangue, Terra e Pó*

Na imagem da esquerda (figura 1) vemos Manoel Gonçalves ainda jovem, usando terno e chapéu boater - peças de vestuário que demonstram, para a época, poder aquisitivo -, ele mantém uma postura altiva e segura uma chibata em suas mãos. Essa foto abre o primeiro capítulo do livro, no qual José de Abrantes Gadelha escreve sobre a adolescência e os anos iniciais da vida adulta de Manoel Gonçalves. Interessante observar que os elementos da foto buscam afirmar a ideia que se tem de um coronel: um homem que inspira, na mesma medida, respeito e medo, juiz e carrasco. Não é à toa que Elder Patrick Maia Alves aponta o estamento dos coronéis como um dos mais apropriados pelos registros sobre masculinidade sertaneja associada à violência.

Na segunda imagem (figura 2), que acompanha o capítulo “Novembro de 1926”, em que o escritor de *Sangue, Terra e Pó* (1983) procura enfatizar, mais uma vez, o caráter heroico que atribui ao seu avô, visualizamos a casa de Manoel Gonçalves, na Fazenda Concórdia, cercada por gado, cavalos e homens, alguns deles armados. Como homem temido e perseguido, Manoel Gonçalves precisaria estar sempre acompanhado de outros homens valentes e dispostos a fazer uso de violência para defendê-lo. Era o Coronel e “seus homens” que resguardariam a segurança dos mais vulneráveis: crianças, mulheres e homens que não eram adeptos das armas.

Essas fotos, acompanhadas pelo discurso laudatório com o qual José de Abrantes se refere ao seu avô, fortalecem a legitimidade concedida às noções de masculinidade sertaneja e violência como determinadamente associadas. O homem sertanejo corajoso, leal e respeitado



só poderia se manter nessas posições se as garantisse por intermédio da violência. Para validar esta argumentação, José de Abrantes Gadelha aponta casos de homens pacíficos e dignos que teriam sido atacados e ultrajados, fosse pelas forças policiais ou por cangaceiros.

No capítulo intitulado “Memorandum ao Exmo. Sr. Dr. Solon Lucena”, o autor de *Sangue, Terra e Pó* (1983) transcreve uma carta em que um Juiz de Direito - Archimedes Souto Maior, da cidade de Sousa (Paraíba), descreve ao então presidente da Paraíba, Sólton Lucena, o episódio de invasão de cangaceiros sofrido pela cidade em questão, no ano de 1924. No trecho abaixo o Juiz fala sobre o estado de vulnerabilidade no qual se encontrava:

Maior a minha surpresa por não contar com inimizadas na localidade, nem de qualquer lugar estranho. Nessa emergência aflitiva, sem contar com *qualquer meio de resistência defensiva*, especialmente naquela hora matinal, com minha família tomada de pavor, aguardei na eminência desse transe, o momento fatal dessa hecatombe. (Gadelha, 2018, p. 61). [Grifos nossos]

Ao mesmo tempo em que tenta destacar a agressividade com a qual agiram os cangaceiros que invadiram a cidade de Sousa/PB, intensificando a coragem de seu avô ao enfrentar pessoas assim, José de Abrantes Gadelha também chama a atenção para o estado de vulnerabilidade no qual, em tese, se encontrariam os homens desarmados. Mesmo não nutrindo “inimizades”, estariam em risco os homens bons que não buscassem se defender através da violência, pois o meio exigia isso. A máxima parece ser esta: no Sertão Sangrento, dominado pelo cangaço e pelas intrigas políticas, a violência é o instrumento de manutenção da vida. Reinando a lei do mais forte, a violência, mais do que naturalizada, é exigida.

“OS HOMENS DO CORONEL”: SOCIEDADE CIVIL E A HEGEMONIA DO PODER SIMBÓLICO DE MANOEL GONÇALVES DE ABRANTES EM “SANGUE, TERRA E PÓ”

Partindo dos conceitos que anteriormente foram apresentados neste texto, propomos abordar uma face, ou melhor, uma importante relação que existira entre a persona do Cel. Manoel Gonçalves de Abrantes e seus “jaguinhos”. O posicionamento ocupado aqui por muitos dos homens apreendidos aos serviços mantidos pelo mandonismo, que se fizeram intimamente presentes nas tramas das relações compostas de apreço causado e/ou imposto pelo poder



simbólico do Ser Coronel em tempos de muita apreciação da violência e da virilidade masculina.

Os segmentos que importam aqui foram analisados pelo pesquisador Elder Patrick Maia Alves, quando em seu texto ele pontua que:

[...], a violência se tornou prática recorrente, presente nas relações de trabalho, no espaço familiar, nas instituições políticas e na lida cotidiana com os animais, principalmente os rebanhos bovinos. *A violência era, portanto, constitutiva das relações afetivas, familiares e laborais, naturalizada como uma dimensão inteiramente “comum” e “aceitável”, principalmente entre os gêneros.* (Alves, 2009, p. 9). [Grifos nossos]

O processo que molda, segundo o autor evocado aqui, é exatamente o que podemos observar na narrativa que o neto, José de Abrantes Gadelha, faz das relações de seu avô (o Coronel Manoel Gonçalves) com seus familiares, “chegados” e, sobretudo, com seus trabalhadores, os chamados “mandados” ou “cabras”. No livro, onde o neto narra sua memória, esses homens se tornam pessoas próximas, carregando em seus ombros a extensão do símbolo de poder representativo do mandonismo local empreendido pela persona de Manoel Gonçalves, simbolismo e personificação esta que impelia respeito e temor a uma parcela da sociedade.

Longe de sermos deterministas na nossa análise, a proposta da discussão aqui empreendida é evidenciar que dentro dessa relação de poder esses homens não seriam apenas subordinados às amarras do poder do citado Manoel Gonçalves, pois, nas “empreitadas” que narra em seu livro de memórias, José de Abrantes Gadelha deixa afirmado que “os homens do Coronel” estariam em busca de prestígio tanto para si mesmos como para os de suas famílias ou “considerados”, uma fração de reconhecimento figurativo (Gadelha, 2018, p. 50).

O autor do livro e sua necessidade pessoal, deixa em sua escrita uma partícula de acontecimento que cita nomes desses homens e sua “bravura e coragem” (Gadelha, 2018, p. 41-60). Onde no ano de 1924, segundo o que pontua em sua narrativa, a cidade de Sousa estaria sendo sitiada por motivo de ataque de bandos de cangaceiros do famigerado Lampião e do cangaceiro Chico Pereira. Nesse trecho, o autor coloca que a quantidade de homens dispostos a seguir em defesa junto ao Coronel que os convoca e os instrui, seria exemplar para toda a sociedade daquela localidade.



José de Abrantes não deixa de mostrar na sua escrita a “qualidade dos homens” que se “dispuseram” aos mandos do seu avô, onde este estaria em virtude de “defender a cidade” na passagem relatada. Seu neto e escritor do livro aqui analisado, deixa narrado que em direção à fazenda do Cel. Manoel Gonçalves, os homens convocados por ele, seus “jagunços”, estariam se reunindo, se armando e preparando-se para a empreitada contra os invasores da localidade de Sousa. Em trecho de sua escrita, ele narra a atuação do seu avô dando ênfase tanto à qualidade de empreitada quanto à necessidade de ser viril para poder lidar com a situação que estava por se enfrentada:

– Vai chover muita bala! Não engano a ninguém... *Quem for comigo deve ser macho*, pronto para o que der e vier! Quem não quiser ir, fique enquanto é tempo! Falara Manoel Gonçalves da varanda da casa da fazenda, a instruir aos recém chegados o perigo a que estavam expostos, [...]. (Gadelha, 2018, p. 58). [grifos nossos]

E seguindo dessa maneira, costurando sua escrita à requisitada e bem aceita rigidez e virilidade na época que comumente colocou os homens do Coronel como destaque, assim como também em algumas partes que convém ao autor do livro compor uma identidade de “bravo” e “destemido” à persona do seu avô Cel. Manoel Gonçalves, o escritor promove novamente o que nos aponta o sociólogo Alves (2009, p. 225) quando disse que “ambos contribuem, direta e indiretamente, para a projeção, difusão e potencialização de um imaginário de masculinidade, honra pessoal e virilidade” no sertão que é definido nestes termos.

E, nesse sentido, o pesquisador ainda evidencia que “entre os grupos do cangaço e o estamento dos vaqueiros, em que predominava a violência e a virilidade, imperava um ideal de masculinidade concentrado na honra e na solução violenta dos desentendimentos” (Alves, 2009, p. 219), a propósito disto que a autoria do livro deixa essas características extremamente evidentes, não dando pausa em novamente reafirmar a estereotipada identidade de um “verdadeiro homem sertanejo”, como sendo “um forte”. É de extrema negação tal afirmação, mas por motivos pessoais e se mostrando emproado que o José de Abrantes define os homens do mando do Coronel, seu avô, assim também como o próprio Manoel.

A virtualização das invenções de um que ele considera ser um “típico sertanejo” que José de Abrantes Gadelha reverbera em sua escrita, fomenta de forma negativa, pela qual, em trabalhos precursores sobre o tema, já nos apontou Albuquerque Júnior (2013), pois



consideramos seus anseios pessoais, que estão circunscritos à sua maneira de relatar em seu livro, um posicionamento determinista. A propósito, ao analisarmos sua obra, percebemos que existe apreço pela forma como ele mesmo busca “representar” um gênero e seu ideal de masculinidade, onde em contraponto silencia ou não propõe visibilidade para os outros gêneros, deixando bem evidente sua maneira personalista que assim exerce com empenho na construção da figura de seu avô a personificação da virilidade também apreendida aos homens que trabalharam para este.

Figuras principais de sua escrita, o Cel. Manoel Gonçalves de Abrantes e “seus homens” são sem dúvidas o modelo de masculinidade que segundo o escritor do livro *Sangue, Terra e Pó* (1983), homenageia ou pelo menos tenta assim fazer. A persona de seu parente é remontada de maneira memorialista e simbolicamente, como assim já pontuamos neste texto.

Os simbolismos que se fazem presentes e que são utilizados para apresentar a “vida” do personagem principal, são de honrarias, gratidão e temor configurado em termos que se definem pelo autor como “respeito” e “bravura”, enquanto estes estão carregados de estereótipos identitários, onde os “Sertões e os sertanejos” são virtualizados por muitos determinismos culturais, sociais, econômico e político. No qual, o autor de *Sangue, Terra e Pó* (1983) promove através de seus anseios em sua narrativa, muita delimitação de identidade e afastamento da necessária visualização dos variados sentidos identitários como já nos apresentou Albuquerque Júnior (2013); Silva (2009) e Alves (2009), no qual se fizeram negligenciados, suprimidos, literalmente apagados no seu livro. Estas leituras teóricas, sociais e culturais nos fazem enxergar quais as características definidoras das identidades de gênero utilizadas e determinadas na escrita do José de Abrantes Gadelha.

Podemos afirmar que os sentidos que pulsam na escrita do livro aqui analisado, como a violência, virilidade e gênero, são entendidos e trabalhados de forma pejorativa e romantizada, sobretudo naturalizada, quando ainda são promovidas, tanto em uma literatura tida como regionalista romanceada, como de forma mais “renovada” em vias digitais, em séries e filmes que tematizam geograficamente e culturalmente os Sertões e os sertanejos como sendo determinados pela violência, que segundo esses escritos e mídias pontua como algo reinante em suas culturas, criando assim uma imagética de ser a verdadeira e única característica dos sertanejo, negando a pluralidade e diversidade humana.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apreço pela naturalização e normatização da violência e sua cristalização intimamente ligada a masculinidade como gênero principal impressa na narrativa do autor de *Sangue, Terra e Pó* (1983), traduz os sentidos simbólicos e a personificação de poder que consideramos antagônicos à multiplicidade de identidades que podem ser percebidas quando estamos falando da cultura sertaneja e diversidade de gênero. Os estereótipos comumente usados pelo autor para definir um tipo de masculinidade sertaneja é uma condição que o autor toma e torna como inerente ao modo de vida de povos do sertão, circunscritos em disputas locais, onde os espaços e os discursos de poder suprimem toda e qualquer fraqueza e covardia, pois a virilidade é o mote de uma defesa da honra personalista e, sobretudo, de uma estirpe de mandonismo local e seus sentidos simbólicos na produção de memórias.

Não houve preocupação com a pluralidade sertaneja nordestina, não encontramos proposições que finalizassem de forma não romantizada, pois o empenho do autor do livro que se dispôs a reverberar, de forma personalista, os estereótipos de masculinidade sertaneja, que, segundo sua escrita, se torna inerente à violência, esta utilizada como conceito que define os homens sertanejos, o mesmo também promove a reafirmação de preconceitos, discriminações de gênero e propostas de naturalização de um reverenciamento ao mote de apropriação simbólica e personalista do coronelismo.

Promove o mandonismo como algo positivo para as tratativas sociais, culturais, econômicas e políticas em uma sociedade determinada de forma propositiva aos discursos de poder que legitimam ações puramente individuais, pautadas em privilégios personificados a identidade masculina e sua suposta virilidade.

Ao analisar esses aspectos, buscamos desnaturalizar o caráter violento atribuído aos homens sertanejos em tantas produções artístico-culturais. Problematizar *Sangue, Terra e Pó* (1983) é também garantir que as memórias produzidas nesta obra, tão empenhadas em se confundir com a História Local da cidade paraibana de Lastro, não sejam cristalizadas enquanto único caminho para se pensar nosso passado e a composição de nossas identidades. A ideia é reafirmar, uma vez mais, que a realidade sertaneja é composta por variadas identidades de



gênero e que a forma de performar essas identidades não têm um padrão, embora ainda existam tentativas de impô-lo.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Erasmo Quintino. *Memórias de um Persistente*. 2011, [s.l.;s.n.].

ALVES, Elder Patrick Maia. Violência e Masculinidade: o sertão nordestino e a construção de um monopólio de sentido. LIMA, Carolaine de Araújo; BRITTO, Clovis Carvalho; MOREIRA, Jailma dos S. Pedreira (ORGs). *Outros Olhares sobre o Sertão Nordestino: gênero, masculinidades e subjetividades*. Salvador: EDUNEB, 2020.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e historiografia*. Rio de Janeiro/RJ: Editora FGV, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10^o Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GADELHA, José de Abrantes. *Sangue, Terra e Pó*. João Pessoa, Paraíba: A União Editora, 2018.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 9, n^o 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

HUYSSSEN, Andreas. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/RJ: Editora Contraponto, 2014. pp. 155-176.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *O Coronelismo: uma política de compromissos*. Editora Brasiliense, 2^o Ed, São Paulo, 1981.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. 7 Ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, Alômia Abrantes da. “Êta pau pereira!”: gênero, masculinidade e poder na Paraíba. LIMA, Carolaine de Araújo; BRITTO, Clovis Carvalho; MOREIRA, Jailma dos S. Pedreira (ORGs). *Outros Olhares sobre o Sertão Nordestino: gênero, masculinidades e subjetividades*. Salvador: EDUNEB, 2020.

Vídeos

Cangaçologia. Lampião e o ataque à cidade de Sousa. Entre outros assuntos. YouTube, 21 de nov. de 2020. Disponível em Lampião e o ataque à cidade de Sousa. Entre outros assuntos.

Cangaçologia. Capitão Manoel Gonçalves de Abrantes. YouTube, 13 de mar. de 2021. Disponível em Capitão Manoel Gonçalves de Abrantes.